

Educação e linhas rizomáticas ?

O ensino contemporâneo sofre dessa excessiva compartimentalização dos saberes. A estrutura compartimentalizada do conhecimento pode ser representada pela metáfora arbórea, a imagem de uma grande árvore cujas extensas raízes devem estar presas em solo firme, com tronco sólido que se ramifica em galhos e mais galhos...

A estrutura compartimentalizada do conhecimento pode ser representada pela metáfora arbórea, a imagem de uma grande árvore cujas extensas raízes devem estar presas em solo firme, com tronco sólido que se ramifica em galhos e mais galhos... É o modelo cartesiano, moderno, colocando em evidência princípios de uma natureza única, fronteiras, regiões de domínio.

O ensino contemporâneo sofre dessa excessiva compartimentalização dos saberes. Podemos compreender essa fragmentação como uma questão epistemológica, já que praticamente todo o saber da humanidade foi marcado e legitimado num momento da história do conhecimento que ia buscar os seus fundamentos à interpretação da realidade e à noção de verdade. Esse momento cujo aparato era a tecnologia da escrita⁽¹⁾ deu origem a uma forma de saber que, na medida em que crescia e se ramificava, constituía novos campos e áreas do conhecimento.

A organização curricular do ensino segue este padrão, colocando as disciplinas como realidades estanques. Muitas das discussões em torno da busca de alternativas de superação da fragmentação dos saberes apontam para a interdisciplinaridade como uma forma de integração das disciplinas. No entanto, o modelo da interdisciplinaridade continua a ser arbóreo, o modelo árvore, cada galho uma disciplina... Lembremos que os galhos de uma árvore não se cruzam, não se encontram espontaneamente.

Este é o modelo curricular dos planos decenais, das políticas públicas, das diretrizes, dos PCNs...O modelo oficial que corresponde a uma educação maior. Aquela instituída, aquela que quer se instituir, a educação produzida macropoliticamente nos gabinetes, nos documentos legais. Essa educação funciona como máquina de controlo, produzindo indivíduos em séries, fragmentando saberes, tempos, espaços...

Para se contrapor a esse modelo vou remeter para o conceito de Educação menor utilizado por Gallo⁽²⁾ ao fazer um deslocamento conceptual da noção de Literatura menor⁽³⁾ para a noção de Educação menor.

Educação menor, segundo Gallo (2003: 78) (4), ?é um acto de revolta, de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas (...) Sala de aula como espaço a partir do qual traçamos as nossas estratégias, estabelecemos a nossa militância, produzindo um presente e um futuro aquém ou para além de qualquer política educacional.?

A educação menor é rizomática, o seu modelo não é arbóreo, mas a imagem é o caule readiciforme de alguns vegetais. Diferente da árvore, a imagem do rizoma não se presta à hierarquização, mas a proliferação de pensamentos, ?qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo?(Deleuze e Guattari, 1995: 15) (5). Numa perspectiva rizomática o princípio passa a ser a transversalidade, transitar pelo território do saber construindo sentidos, fazendo conexões...

Portanto, não interessa à educação menor criar modelos, propor caminhos, impor soluções, não se trata de buscar a integração dos saberes, mas fazer rizomas, viabilizar conexões sempre novas, criativas e criadoras...Os campos dos saberes são abertos, são como horizontes sem fronteiras, trânsitos livres e inéditos. A educação menor ocorre nos espaços micropolíticos, no âmbito das salas de aula já que é nas ações quotidianas de cada um, opondo resistências, produzindo diferença, provocando desterritorializações, que acontecem as subversões.

O processo educativo rizomático é necessariamente singular, diferente daquele resultante do processo de subjectivação de massa. A aprendizagem nessa perspectiva é um processo sobre o qual não se pode ter absoluto controlo, a aprendizagem está para além de qualquer máquina de controlo, já que sempre algo escapa entre as bordas...

A educação menor age nesses intervalos, no meio do saber e do não-saber, deslocando-se entre um e outro, produzindo velocidades, intensidades, experimentações...

1) Refiro-me a obra de Pierre Lévy. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed.34, 1993, na qual o autor delimita três momentos da história do conhecimento marcado por tecnologias específicas: o pólo da oralidade primária, o pólo da escrita e o pólo mediático-informático.

2) Silvio Gallo. *Deleuze e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

3) Na obra *Kafka: uma literatura menor*, Deleuze e Guattari criam o conceito de Literatura menor como dispositivo para analisar a obra de Kafka. Literatura menor não é uma língua menor, é a subversão da língua, fazer com que ela seja o veículo de desagregação dela própria.

4) Gallo. *Ibidem*.

5) Gilles Deleuze e Felix Guattari. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. Rio de Janeiro: Ed.34, 1995.

